

REVISTA

Mosaicum

Número 32, jul./dez. 2020 - eISSN 1980-4180

MOLAR E MOLECULAR: UMA CARTOGRAFIA

Molar and molecular: a cartography

Caio Felipe Varela Martins

Mestre em Filosofia (Universidade Federal da Paraíba)

E-mail: varelacaiof@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-5062-6456>



Artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Resumo: Discutimos neste ensaio sobre um mapeamento cartográfico dos conceitos de molar e molecular na obra de Deleuze e Guattari, compreendendo o molar como enquadrador, duro e que busca a unidade, e o molecular como o fugidio, liso, que afirma a multiplicidade e a diferença. Para atingir este objetivo, buscamos geograficamente nos livros dos autores conceitos relacionados às afecções territoriais molar e molecular, traçando assim um caminho para a nossa leitura deleuzo-guattariana. Conceitos como “rizoma”, “agenciamento” e “Corpo sem Órgãos” estão em contato direto com essas afecções territoriais e delinham uma topologia dos relevos deleuzo-guattarianos, determinando o que se encontra mais perto ou mais longe, e o que contagia ou não tais conceitos. Buscamos apreender, dentro dos livros, os locais que afetam a própria filosofia e suas implicações na realidade, chamando-nos de afecções territoriais, ilhas de conceitos dentro do arquipélago de uma obra filosófica.

Palavras-chave: Molar. Molecular. Cartografia.

Abstract: In this essay we discuss about a cartographic mapping of the molar and molecular concepts in the work of Deleuze and Guattari, understanding the molar as the framer, hard and seeking unity, and the molecular as the elusive, smooth, which affirms multiplicity and difference. To achieve this goal, we geographically search, in the authors' books, for concepts that related to molar and molecular territorial affections, thus tracing a path for our Deleuzo-Guattarian reading. Concepts such as “rhizome”, “agency” and “Body without Organs” are in direct contact with these territorial affections, and outline a topology of Deleuzo-Guattarian terrains, determining what is closer or further away, and what is contagious or not to such concepts. We seek to apprehend, within the books, the places that affect philosophy itself and its implications in reality, calling them territorial affections, islands of concepts within the archipelago of a philosophical work.

Key Words: Molar. Molecular. Cartography.

INTRODUÇÃO OU "CORPO SEM ÓRGÃOS"

Entre 1946 e 1948, Antonin Artaud (1896-1948) declara guerra aos órgãos¹, afirma o organismo como inimigo do corpo, e é neste sentido que Deleuze e Guattari criam o conceito de CsO², que tem como inimigo o organismo. *Corpo sem órgãos* não no sentido de não os ter, mas no sentido de se os tem, não há organização, pois essa enquadra, engessa, estratifica, à maneira que “o corpo pleno sem órgãos é o improdutivo, o estéril, o inengendrado, o inconsumível. [...] É o corpo sem imagem” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 20).

Por sê-lo sem imagem, o CsO é colocado como a terra, o local (*spatium*, nunca *extensio*), deserto a ser povoado de intensidades; é criado para a não produção, para ser o *entre*, o local onde povoam e perpassam as intensidades, os afetos. O fato de dizê-lo sem imagem não o denomina vazio, mas, ao contrário, é um espaço cheio de intensidades. Os autores referen-

ciam-no também ao ovo cósmico³, o que possui todas as intensidades, a criação da humanidade.

O CsO é uma afecção territorial⁴ dentro do mapa-obra de Deleuze e Guattari, e o trazemos à tona para que esse possa participar na cartografia dos conceitos que temos como ponto focal, o *molar* e o *molecular*, ambos participam desse conceito que colocamos primeiramente, pois eles formam a própria tessitura da realidade, como o veremos.

A criação do CsO, diferente do ovo Dogon da mitologia africana, acontece no indivíduo, que o cria para que seja perpassado pelas intensidades, e dentro de suas diferenças, é passível de estratificação, visto que

O organismo não é o corpo, o CsO, mas um estrato sobre o CsO, quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil. (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 24).

E é quando se afirma o organismo no CsO, impondo-lhe uma identidade, que essa estratificação acontece, pois

| 67 |

O CsO grita: fizeram-me um organismo! Dobraram-me indevidamente! Roubaram meu corpo! O juízo de Deus arranca-o de sua imanência, e lhe constrói um organismo, uma significação, um sujeito. É ele o estratificado. Assim, ele oscila entre dois polos: de um lado, as superfícies de estratificação sobre as quais ele é rebaixado e submetido ao juízo, e, por outro lado, o plano de consistência no qual ele se desenrola e se abre à experimentação. (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 25).

Percebemos a crítica de Deleuze e Guattari a uma organização pautada na imagem dogmática, como um organismo fechado, natural, biológico, onde o que podemos fazer, no que podemos tornar nossos órgãos ou perpassar nossas intensidades ainda está pautado em uma moralidade. Para esses autores, o CsO é a terra da produção do desejo, de criação. É a criação do *Corpo sem Órgãos* que nos interessa.

A criação de um CsO tem a ver com o desejo, que, pelo olhar deleuzo-guattariano, posiciona-se longe do desejo do modelo arbóreo⁵, ou seja, não é pautado na falta ou no prazer, ele é produção, é criação. O CsO “[...] é não-desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 12), e como prática, é também usado na crítica da psicanálise, no sentido de uma desestru-

turação do *eu*; “onde a psicanálise diz: Pare, reencontre o seu eu, seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 13).

Nesse movimento de desestruturação do *eu* forma-se o Corpo sem Órgãos, um corpo intensivo, pelo qual passam intensidades e forças e, nesse sentido, podemos dizer que existe uma semelhança com o pensamento na filosofia deleuzo-guattariana, pois o Corpo sem Órgãos não tem limites, sendo ele o próprio limite. Um corpo deserto que não se movimenta, mas que é povoado de movimentações. Entenderemos mais à frente, que esta povoação de movimentações no CsO é o que nos importa, pois o movimento não existe sem forças que o façam mobilizar-se. Nas palavras de Deleuze e Guattari (2012a, p. 25):

Desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações medidas à maneira de um agrimensur.

| 68 |

Continuando nosso mapeamento, observamos duas afecções territoriais que, ao olhar desavisado, podem-se confundir com uma só, pois existem em conjunto. Embora formem uma coexistência, em si mesmas, são múltiplas, em suas diferenças pode-se ver a conexão e desconexão entre elas, de forma que funcionam por trocas e mutações; o molar e o molecular nos aparecem finalmente como territórios em nosso mapa.

METODOLOGIA MOLAR/MOLECULAR

O rizoma usado por Deleuze e Guattari refere-se a um sistema de pensamento em que um ponto se liga a qualquer outro; não havendo necessidade de busca por princípio, pois não tem origem nem fim, sempre é meio, *entre*, não é uma “criação a partir de”, mas uma “criação com”.

No pensamento cria-se por meio da experiência, à qual se é forçado pelo *fora*, não existe um ponto de origem, já que

[...] a origem, ela própria afetada pela diferença e pelo múltiplo, perde seu caráter de a priori englobante, ao passo que o múltiplo se subtrai à influência do Uno (n-1) e torna-se o objeto de uma síntese imediata, dita ‘multiplicidade’; doravante ela designa o que é primordial na experiência “real” (que nunca é “em geral” ou simplesmente “possível”), por oposição aos conceitos da representação. (ZOURABICHVILI, 2004, p. 52).

O pensamento é forçado pelo *fora*, aquilo que não é pensamento *ainda*, só se torna quando violentamente movido, mas, como acontece esse movimento? Há uma direção para esse movimento? Livramo-nos completamente do modelo arbóreo com a criação do rizoma como pensamento sem imagem em Deleuze e Guattari? É no sentido de entender melhor como funciona esse movimento que cercamos as afecções territoriais *Molar e Molecular*.

Esse aspecto de movimentação coexistente é o que nos chama, nos leva como força-motriz aonde queremos chegar. Pretendemos fazer a cartografia de conceitos. É o movimento do pensamento por meio do fluxo molar e molecular que temos como objetivo, como espaço de chegada em nossa topologia dos relevos deleuzo-guattarianos.

Os *agenciamentos* fazem parte do sistema rizomático como sua forma de locomoção, ou seja, o rizoma só se move através de conexões heterogêneas, é a diferença que movimenta o sistema-rizoma, essas conexões são possibilidades do pensamento-rizoma, que podem caminhar em qualquer sentido, visto que o rizoma é um sistema aberto de múltiplas entradas e saídas. Esses agenciamentos podem ser molares ou moleculares? Do que se tratam estas afecções territoriais?

| 69 |

Olhando de longe esse território, o *molar* nos aparece como algo enformado, engessado, construído retilineamente e apresenta uma arquitetura parecida com nossos prédios modernos, com seus limites e bordas bem colocados. O *molecular*, por sua vez, é uma afecção territorial despedaçada, cheia de linhas e pontos concêntricos sem muita ordem, caótico em sua maneira de ser, fugindo do molar sem o conseguir. O molar é enquadrante, estriado, enquanto o molecular é fluido, fugidio, liso. Contudo, não chegamos ainda às bordas das afecções territoriais; estamos vendo a uma grande distância apenas o que nos aparece em primeira vista.

Para nos ajudar no decorrer do nosso caminho, temos de ir em busca de formas diferentes de se mostrar a mesma coisa, por isso, buscaremos o sentido das afecções territoriais em Deleuze e Guattari através do local onde foram saqueados esses conceitos, territórios não-filosóficos.

MOLAR

Os átomos são unidades que formam a base de tudo que existe no mundo. Um conjunto de átomos é chamado de molécula e, a partir de um

conjunto de moléculas, são formadas as substâncias que se dividem entre simples e compostas: as primeiras podem ser exemplificadas pelo ferro, oxigênio, cobre; e, as últimas têm como exemplo a água (substância) que é formada por dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio, que constituem a fórmula química H_2O .

A química, ciência da natureza que estuda a composição, a estrutura e as propriedades da matéria, cria fórmulas para entender como é formada a matéria, desde o seu estado composto até o seu estado dividido ao mínimo possível.

O molar é a forma pela qual a química faz uso para representar a massa do átomo através da matéria; a partir do todo se formula o peso do que é dividido, ou seja, “os átomos possuem massas muito pequenas e não existe balança que permita pesá-los diretamente em unidades de massa atômica” (PROENC, 2017) e, assim, a massa molar é a forma de especificar a massa do átomo por meio de seu composto, a substância (carvão = carbono, prego = ferro). Desta forma:

Como em situações concretas trabalhamos com amostras macroscópicas constituídas por enorme número de átomos, é conveniente utilizar uma unidade especial que possibilite descrevê-los. A ideia de usar uma unidade para representar um grande número de objetos não é nova. Por exemplo, um par (dois itens), uma dúzia (12 itens) e uma grossa (144 itens) são unidades familiares. Para os químicos, os átomos e moléculas são medidos em mols. (PROENC, 2017).

| 70 |

Podemos perceber que a unidade (mol), a massa molar, é uma forma de usar uma unidade para descrever uma multiplicidade. Na multiplicidade de átomos e moléculas é usado o mol para explicitar seu peso de forma unificada.

O que Deleuze e Guattari fazem com o molar da química é um movimento de desterritorialização/reterritorialização⁶; desterritorializam-no da química para reterritorializá-lo na filosofia, e como vimos, o conceito de molar na química trata de quantificar a partir de uma unidade a multiplicidade que seriam os átomos e as moléculas. Na filosofia, o molar é a forma de unificar/molarizar o que é múltiplo. Ainda sob a crítica dos autores acerca da imagem dogmática⁷, o molar aproxima-se deste modelo arbóreo no conhecimento, unificando e buscando o uno na multiplicidade, ao passo que afirmá-la é escrever a $n-1$, é retirar o uno da terra da multiplicidade.

Para Deleuze e Guattari, qualquer forma de enquadramento é uma forma molar, seja no conhecimento filosófico, à guisa de exemplo, temos os

platonistas em busca do Uno; nas ciências da natureza atuais, a busca pela fórmula que explicará a criação do universo; e, até a arte, no que percebemos a tentativa de unificação quando artistas são encaixados em categorias e/ou formatos de literatura, de pintura, de movimentos de arte etc.

MOLECULAR

Uma molécula é formada por um aglomerado de átomos, sejam eles iguais ou diferentes; já a substância é constituída por um conjunto de moléculas. Uma das características mais importantes das moléculas é que seus átomos se mantêm unidos, não podendo ser separados sem alterar ou destruir as propriedades da substância.

O *molecular* de Deleuze e Guattari, saqueado também da química, explica a maneira pela qual os autores veem o mundo, como multiplicidade e, assim como no conceito químico, não há possibilidade de corte ou de adição de algo no fluxo molecular sem que ocorra uma mudança em sua própria natureza. O molecular na filosofia deleuzo-guattariana aparece no sentido de mostrar a multiplicidade que vai de encontro à molaridade/unidade.

| 71 |

Quando afirmamos que nesta afecção territorial molar/molecular, em primeira vista, poderia ser confundida como uma só, foi no sentido de entender que não existe molaridade sem molecularidade e vice-versa. São conceitos antagônicos, mas coexistentes; fluxos que se entrelaçam. O molar e o molecular não aparecem apenas no indivíduo ou no conhecimento, mas são fluxos biológicos, sociais, econômicos, pois

[...] neste sentido, já vimos que há dois grandes tipos de investimento social, um segregativo e outro nomádico, que são como dois polos do delírio: um tipo ou polo paranoico fascistizante, que investe a formação de soberania central e a sobreinveste, fazendo dela a causa final eterna de todas as outras formas sociais da história, que contrainveste os enclaves ou a periferia e desinveste toda livre figura do desejo – sim, sou um de vocês, da classe ou da raça superior. E um tipo ou polo esquizo-revolucionário, que segue as *linhas de fuga* do desejo, que passa o muro e faz com que passem os fluxos, que monta suas máquinas e seus grupos em fusão nos enclaves ou na periferia, precedendo ao inverso do precedente: não sou um de vocês, sou eternamente da raça inferior, sou uma besta [...] (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 366).

Visto dessa forma, percebemos que na sociedade também há o fluxo molar e molecular e, ainda assim, não devem ser confundidos como

opositores, mas como coexistentes, uma raça inferior não existiria sem uma raça superior.

Esses autores, em sua obra *Anti-Édipo*, tecem uma crítica à psicanálise, mostrando também que mesmo no inconsciente ou nas estruturas do sujeito psicanalítico há o molar e o molecular. Nesse sentido:

Dir-se-ia que, das duas direções da *física*, a direção molar que se volta para os grandes números e para os fenômenos de multidão, e a direção molecular, que ao contrário, embrenha-se nas singularidades, nas suas interações e nas suas ligações à distância ou de ordens diferentes, o paranoico escolheu a primeira: ele faz macrofísica. Dir-se-ia que o esquizo, ao contrário, vai na outra orientação, a da microfísica, a das moléculas que já não obedecem às leis estatísticas; ondas, corpúsculos, fluxos e objetos parciais que já não são tributários dos grandes números, linhas de fuga infinitesimais em vez de perspectivas de grandes conjuntos. Sem dúvida, seria um erro opor estas duas dimensões como o coletivo e o individual. (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 370).

| 72 |

Quando Deleuze e Guattari afirmam ser um erro a confusão do molar como coletivo e o molecular como individual, dizem com isso que são existentes fluxos coletivos moleculares, como revoluções, movimentos sociais e, também, fluxos individuais molares, como o fascismo individual ou a vontade de unidade, a busca do uno pelo sujeito.

Assim, as afecções territoriais *molar* e *molecular* aparecem-nos como dois fluxos regidos por diferentes regimes: o primeiro busca a unificação, enquanto o segundo movimenta-se por micromultiplicidades, aglomerados de átomos que não se separam sem mudar de natureza; desta feita, “trata-se, sobretudo, da diferença entre dois tipos de coleções ou de populações: os grandes conjuntos e as micromultiplicidades” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 370).

O que estamos fazendo aqui é um movimento de cercar os conceitos. Na filosofia deleuzo-guattariana os fluxos molares e moleculares são conceitos que abordam a movimentação. O que nos interessa é como essa movimentação acontece no pensamento, mas, no momento, iremos buscar o conceito dentro do âmbito social e, quem sabe, nesse movimento, o social levar-nos-á para mais perto do que queremos, aonde almejamos chegar.

Primeiramente, elaborado por Émile Durkheim (1858-1917) para caracterizar sociedades afirmadas como “simples”, o conceito de segmentaridade foi convertido em:

[...] conceito operacional ao longo dos anos 40 pelos antropólogos britânicos que estudavam os “sistemas políticos africanos”. Resumidamente, tratava-se de demonstrar que na ausência do Estado, outras instituições sociais, as linhagens, desempenhariam funções consideradas próprias a ele. As oposições diacrônicas entre sociedades baseadas no status ou no contrato foram rebatidas na sincronia, e as “sociedades segmentares” caracterizariam a mediação entre o “sangue” e o “território”. (LIMA; SILVA, 2000).

Deleuze e Guattari afirmam que somos segmentarizados mesmo em nossas sociedades atuais, modernas e com a presença do Estado, pois somos animais segmentários e os segmentos que formamos regem, de certa forma, nossa maneira de entendermos o real, o social e até a nós mesmos, de modo que, para os autores, existem formas diferentes de segmentarização, visto que:

Somos segmentarizados *binariamente*, a partir de grandes oposições duais: as classes sociais, mas também os homens e as mulheres, os adultos e as crianças, etc. Somos segmentarizados *circularmente*, em círculos cada vez mais vastos, em discos ou coroas cada vez mais amplos, à maneira da ‘carta’ de Joyce: minhas ocupações, as ocupações de meu bairro, de minha cidade, de meu país, do mundo... Somos segmentarizados *linearmente*, numa linha reta, em linhas retas, onde cada segmento representa um episódio ou um ‘processo’: mal acabamos um processo e já estamos começando outro, demandantes ou demandados para sempre, família, escola, exército, profissão [...] (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 92).

| 73 |

Neste momento, o que nos importa é a definição de *segmentaridade dura* e *segmentaridade flexível*, em que a primeira remete a um binarismo, a uma dualidade, partindo de uma binarização direta, enquanto na segunda, a binarização que pode ocorrer resulta de multiplicidades.

Trazemos esses conceitos para apresentar mais uma vez a distinção e dualidade na filosofia deleuzo-guattariana. Uma segmentaridade que leva à dureza, à arborificação, ao passo que, na outra, deriva-se de multiplicidades, rizomificação segmentária. Aonde queremos chegar com isso? Como chegamos perto do molar e do molecular através da segmentaridade? É por meio da segmentaridade no social que podemos entender mais profundamente o molar e o molecular no indivíduo. Dessa forma,

Toda sociedade, mas também todo indivíduo, são pois atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra *molecular*. Se elas se distinguem, é porque não têm os mesmos termos, nem as mesmas correlações, nem a mesma natureza, nem o mesmo tipo de multiplicidades. Mas, se são

inseparáveis, é porque coexiste, passam uma para a outra, segundo diferentes figuras como nos primitivos ou em nós – mas sempre uma pressupondo a outra (DELEUZE; GUATTARI, 2012a. p. 99).

Podemos, assim, compreender melhor, por meio da segmentarização, como o indivíduo é perpassado pelos fluxos molar e molecular; nunca um *ou* outro, mas sempre um *e* outro. Nesse aspecto, um fluxo pressupõe o outro, e é nessa coexistência, presente no indivíduo, que o movimento ocorre.

Em relação aos conceitos *molar* e *molecular*, na obra dos autores, encontramos perigos de sua afirmação equivocada, destacando-se quatro tipos de erros que podem ser cometidos a respeito desses, sendo eles: o axiológico, o psicológico, o dimensional e, por fim, o erro qualitativo. Com isso, poderemos adentrar à diferença nos conceitos sem usarmos um pré-conceito moral ou moralizante que, em Deleuze e Guattari, é algo da qual sua filosofia foge ou tenta inverter.

| 74 |

O erro axiológico trata-se do equívoco de valorizar o molecular, achar que a flexibilidade (em termos de segmentaridade) seria algo “melhor”, ainda assim, os autores afirmam que existem perigos tanto na segmentarização dura, quanto na flexível, ou seja, tanto na molaridade com sua binarização, unificação, à exemplo de: perigo de totalitarismos, fascismos; como também na molecularidade: com suas linhas de fugas, seus escoamentos, onde está presente o perigo dos microfascismos (a imposição de regras pessoais ao outro).

O erro psicológico, ou seja, confusão de que o molecular está necessariamente ligado ao individual ou ao interindividual. Para Deleuze e Guattari, todo fluxo molar ou molecular faz parte do real-social.

O erro dimensional é o descuido em afirmar que os fluxos são diferentes em tamanho: o molecular só passa ou perpassa em pequenos grupos e o molar abrange toda a sociedade, enquanto vemos que mesmo quando acontece de um processo molecular envolver o indivíduo ou pequenos grupos de indivíduos, esse não deixa de ser coextensivo a todo campo social.

Finalmente, o erro qualitativo, que se localiza no engano da asserção de que um fluxo não se relaciona com o outro. Neste caso, observamos que:

[...] a diferença qualitativa das duas linhas não impede que elas se aticem ou se confirmem de modo que há sempre uma relação proporcional entre as duas, seja diretamente proporcional, seja inversamente proporcional. (DELEUZE; GUATTARI, 2012a. p. 102).

Dessa forma, percebemos o sentido da coexistência desses dois fluxos: é o movimento da diferença e o entrelaçamento dos heterogêneos que produzem uma movimentação entre esses; não se tem fuga molecular sem enquadramento molar, nem o contrário disto. A este respeito, Deleuze e Guattari (2012a, p. 104) pontuam que:

Um fluxo molecular escapava, minúsculo no começo, depois aumentando sem deixar de ser inassinalável... No entanto o inverso é também verdadeiro: as fugas e os movimentos moleculares não seriam nada se não repassassem pelas organizações molares e não remanejassem seus segmentos, suas distribuições binárias de sexos, de classes, de partidos.

Neste sentido, a coexistência mostra a imanência⁸ desse movimento, sendo esse horizontal e não vertical, pois mesmo em sua binarização, o fluxo molar não foge da resistência e da fuga do fluxo molecular. No que diz respeito ao território, o fluxo molecular seria responsável por operar uma desterritorialização do fluxo molar, que ao mesmo tempo, operaria uma reterritorialização, enquadrando de volta seus segmentos, mesmo com as diferenças moleculares.

Como chegamos a esse mesmo sentido no indivíduo e suas criações? Podemos tomar o caso acadêmico atual, dissertar sobre um tema é resultado de um fluxo molar. Neste sentido, espera-se um esmiuçamento do pensamento ou obra de um autor, retirar o que se tem da obra como um código, decodificar o livro, mostrar por meio de sua própria visão o que um ou outro autor quis ou não dizer.

Uma metodologia que não está em completa adaptação aos cânones acadêmicos pode mostrar-se perigosa. Seguir uma linha de fuga molecular não é dar uma certeza de que algo será bom, como abordamos anteriormente, há perigos nos dois fluxos/processos. Da mesma forma que se resignar a apenas um dos fluxos traz seus perigos, linhas de fugas moleculares podem trazer à academia uma movimentação que parte da diferença, não só destrinchar autores ou obras, mas abrir um espaço de criação na própria produção acadêmica. Literatura, cinema, ciência, pinturas, tudo faz parte da realidade e também deve fazer da academia. Quando falamos em filosofia, falamos em conhecimento e não apenas reprodução.

A movimentação que ocorre na realidade e na natureza, em que o molar enquadra o molecular enquanto esse resiste, escorre daquele, também é presente na academia e em trabalhos acadêmicos, e não apenas nes-

se sentido, mas também na maneira que vivemos, que pensamos. Assim, a criação é continuamente envolta desse movimento. Querer fugir, seguir as linhas é algo nosso. Aonde elas nos levarão, faz parte de nossas possibilidades, não existe melhor ou pior, mas sempre diferente.

A partir do pensamento de Carlos Castañeda (1925-1998), Deleuze e Guattari mostram quatro perigos no movimento das linhas molares e moleculares. O primeiro deles é o medo, pois nós desejamos a ordem, a molarização e tememos perder essa organização em nossa vida. Nesta perspectiva,

Fugimos diante da fuga, endurecemos nossos segmentos, entregamo-nos à lógica binária, seremos tanto mais duros em tal segmento quanto terão sido duros conosco em tal outro segmento; reterritorializamo-nos em qualquer coisa, não conhecemos segmentaridade senão molar, tanto no nível dos grandes conjuntos aos quais pertencemos, quanto no nível dos pequenos grupos onde nos colocamos e daquilo que se passa conosco no mais íntimo ou mais privado. (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 119).

Observamos que a molaridade, a organização nos tranquiliza, mas não percebemos o quanto a filosofia, na qualidade de papel de vivência, nos leva à não-tranquilidade, servindo para tirar-nos do eixo, mostrar-nos o que não faz parte do nosso “normal”.

| 76 |

O segundo perigo é a clareza que, diferente do medo de perder a organização, concerne ao molecular: é a situação de criar linhas de fuga, usá-las, segui-las ao ponto de se ter tanta convicção do fluxo molecular da realidade que não há mais espaço para a molaridade. Conforme Deleuze e Guattari (2012a, pp. 120-121), a afirmação molecular que nos mostra que

[...] a segmentaridade flexível corre o risco de reproduzir em miniatura as afecções, as afectações da dura: substitui-se a família por uma comunidade, substitui-se a conjugalidade por um regime de troca e de migração, mas é pior ainda, estabelecem-se micro-Édipos, os microfascismos ditam a lei, [...] Vencemos o medo, abandonamos as margens da segurança, mas entramos num sistema não menos concentrado, não menos organizado, um sistema de pequenas inseguranças, que faz com que cada um encontre seu buraco negro e devesse perigoso nesse buraco, dispondo de uma clareza sobre seu caso, seu papel e sua missão, mais inquietantes que as certezas da primeira linha.

Notamos que o segundo perigo trata de uma afirmação exacerbada do molecular, ou seja, a não-percepção da coexistência dos dois fluxos, tanto é perigoso se afirmar molarmente ao extremo quanto molecularmente.

Quando ao terceiro perigo, vemos o poder, que expõe o movimento molar-molecular no social, abordado anteriormente. O poder transita nas duas linhas, nos dois fluxos no sentido de conter a resistência molecular, transformando-a em molar, ao passo que:

O homem de poder não deixará de querer deter as linhas de fuga e, [...] só pode fazê-lo isolando a máquina de sobrecodificação, isto é, primeiro fixando-a, contendo-a no agenciamento local encarregado de efetuar-la, em suma, dando ao agenciamento as dimensões da máquina: o que se produz nas condições artificiais do totalitarismo e do 'uso fechado', do confinamento. (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 121).

Esse perigo é o que se vê mais abertamente na sociedade quando se percebe a resistência à molarização e o seu constante enquadramento, a fuga e a re-apreensão.

O quarto e último perigo colocado pelos autores concerne às linhas de fuga, pois como conceito ligado ao molecular, na maioria das vezes, é colocado como terreno sem risco, isto pautado no erro axiológico, também discutido anteriormente. Mas, na teoria deleuzo-guattariana, as linhas de fuga não são isentas de risco e constituem um dos grandes perigos, sendo este o de que ao seguir uma linha de fuga, seja criada uma máquina de guerra pela guerra, o desejo pela destruição. Neste sentido do molecular e das linhas de fuga, estas devem sempre estar em conexão com outras, lembrando também o conceito de rizoma, ligação de qualquer ponto a outro ponto.

| 77 |

Quando uma linha de fuga é seguida sem agenciamentos, sem nenhuma conexão ou conjugação com outras linhas, existe o grande perigo de que se encaminhe à sua própria destruição ou à paixão de abolição. Então:

Eis o quarto perigo: que a linha de fuga atravesse o muro, que ela saia dos buracos negros, mas que, ao invés de se conectar com outras linhas e aumentar suas valências a cada vez, *ela se transforme em destruição, abolição pura e simples, paixão de abolição*. (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 122).

O conceito de máquina de guerra em Deleuze e Guattari não está simplesmente ligado à guerra, pelo contrário, para os autores toda criação passa por uma máquina de guerra, pois

no próprio nível das linhas de fuga, o agenciamento que as traça é do tipo máquina de guerra. As mutações remetem a essa máquina, *que certamente não tem a guerra por objeto*, mas a emissão de *quanta* de desterritorialização, a passagem de fluxos mutantes. [...] Mas exatamente quando a máquina de guerra não tem mais por

objeto senão a guerra, quando ela substitui assim a mutação pela destruição, é que ela libera a carga mais catastrófica (DELEUZE; GUATTARI, 2012a. pp. 122-123).

E este sentido de máquina de guerra para a criação segue a linha de ideia do pensamento em Deleuze, pois o heterogêneo deve existir, a força deve existir para que haja movimento no pensamento, sendo assim, a criação passa sempre por uma máquina de guerra quando se tem o sentido de criar para a mudança, nunca à abolição – o grande perigo da máquina de guerra voltada para a guerra, destruição –, mas sim criação do diferente, resistência.

Assim, fomos afetados pelos conceitos, pelo movimento e, consequentemente, pela nossa escrita. Ir mais fundo ao conceito é o que almejamos, de sorte que mudá-lo e adaptá-lo à nossa realidade é inevitável.

CONCLUSÃO OU PONTO DE CHEGADA

| 78 | Em nosso exercício cartográfico, tocamos as afecções territoriais, o molar, os grandes números, a unificação, a organização; o molecular, as linhas de fuga, o liso, o escorregadio, a resistência à organização. Em toda forma de vivência podemos observar essa movimentação acontecer, a organização e a fuga, seja na arte, na ciência ou na filosofia. O que nos importa é o movimento, a troca que acontece nesses dois fluxos.

Na própria filosofia deleuzo-guattariana percebemos o movimento molar-molecular, visto que a filosofia dos autores já é uma movimentação: a fuga da molaridade na filosofia, da imagem dogmática do pensamento, a criação de conceitos que destituam o enquadramento, a unificação. O rizoma parte de uma movimentação molecular, é uma fuga rizomática da árvore, de modo que a raiz é destituída, mas não sem deixar suas características, pois não é intenção dos autores destruir filosofias, formas de pensar, mas sim mostrar uma nova forma, destituir a imagem dogmática e apresentar um sistema aberto, um espaço deserto para a criação de conceitos pelo movimento.

Ao mesmo tempo, vemos a possibilidade de molarização da fuga deleuzo-guattariana: o rizoma pode ser usado como método ao invés de sistema aberto. A possibilidade existe, pois é característica rizomática que suas linhas possam ser conjugadas ou conectadas a quaisquer outras linhas; o molecular pode devir molar, e vice-versa, e devém! O rizoma utilizado como método de pesquisa, como metodologia, acaba encerrando-se em si mesmo,

sem possibilidade de movimento, de maneira que se usa a diferença para afirmar a unidade. Por sua vez, a árvore pode devir rizomática, como o fazem Deleuze e Guattari.

A imagem dogmática do pensamento nunca deixa de ter sua importância para a criação, pois é dela que devem a fuga, sem fuga não há rizoma, nem molecularidade. E, como já pontuamos, há perigo nos dois. O extremismo é sempre perigoso, mas a perfuração e o atravessamento de limites são necessários, pois, em filosofia nunca se está parado, estático, a filosofia é movimento, criação, movimento de criação.

NOTAS

- 1 Cf.: Artaud, 1975.
- 2 Abreviação usada nos livros de Deleuze e Guattari para Corpo sem Órgãos.
- 3 Ovo cósmico ou Ovo Dogon referencia-se à tribo africana Dogon, que em sua mitologia afirma que “Os acontecimentos da criação da humanidade tiveram lugar no interior de um ovo, um mundo situado num espaço infinito e contendo o modelo da criação - *Nommo*, o filho de Deus (*Amma*)”.
- 4 Trazemos aqui o termo afecção baseado na filosofia de Spinoza, ou seja, modificações que ocorrem no corpo, impostas por outros corpos que mudam sua realidade de movimento/repouso ou velocidade/lentidão. Sendo assim somos afetados pela leitura de maneira que os corpos textuais (ideias) no movem em direção a algo diferente numa velocidade ou lentidão diferente.
- 5 Modelo arbóreo, se diferencia do sistema rizomático, onde o primeiro se pauta na unidade, na linearidade, ou em sua busca, o segundo, por sua vez, é pautado na multiplicidade e na pluralidade de linhas tortas.
- 6 Conceitos deleuzo-guattarianos usados para abordar a terra do pensamento, onde várias áreas são movidas para tomar novos sentidos.
- 7 A imagem dogmática do pensamento se trata da forma que o mesmo é visto em certas filosofias tradicionais, como aquela parte do ser que busca a verdade, a unidade.
- 8 Termo que se trata da realidade para os autores, que só é imanente a si mesma, ou seja, causa que contém o efeito em si.

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. *Pour en finir le jugement de Dieu: suivi de le théâtre de la cruauté*. Paris, Éditions Gallimard. 1975.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução Luiz B. L. Orlandi. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011a.

_____. (1996) *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. Vol. 3. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo, Ed. 34. 2012a.

LIMA, Tânia S.; SILVA, Márcio Ferreira. *Teorias etnográficas da segmentaridade*. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_22_RBA/pdf/F20%20Apresentacao.pdf> Acesso em: 17 maio 2017.

PROENC, *Estequiometria: massa atômica, molar e molecular*. Disponível em: <<http://www.proenc.iq.unesp.br/index.php/quimica/206-esteq-mas-satom>>. Acesso em: 20 maio 2017.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro. Relume Dumara, 2004.